

Comunicação na Selva Amazônica

Regina Festa

Universidade de São Paulo

I — ÀS MARGENS DO TAPAJÓS

No dia em que for possível contar as histórias da colonização amazônica ao longo dos anos 70, as sagas do velho oeste americano nos parecerão infinitamente menos heróicas e menos cruéis.

Tudo começou durante o governo Médici. Era tempo de integrar a Amazônia. Com o *slogan* "Homem sem terra para terra sem homem", brasileiros do campo, sobretudo do Rio Grande do Sul, foram escolhidos a dedo para povoar e cultivar as colônias agrícolas à beira das grandes estradas. Transportados de avião até Manaus e depois de ônibus até as estradas ou vicinais que cortavam o coração da selva — e era só o que havia: estradas — famílias inteiras, com uma promessa de propriedade da terra nas mãos e mochila às costas, mudaram-se para o interior da Amazônia. Parecia outro planeta, conta um trabalhador.

Hoje em dia, ninguém se surpreende ao encontrar na Selva Amazônica homens e mulheres de tipo germânico: altos, fortes, loiros, olhos azuis, pele agora morena do sol que torra, tomando mate nos fins de tarde.

Para aqueles que testemunharam, o Brasil-brasileiro pulsa forte no coração amazônico: gente de todos os lados — do sertão, da caatinga, do agreste, dos pampas, os "paulistas" — ali compartilham atualmente a cultura, a rede, a farinha e o sal, o mate, o calor endiabrado, a falta de recursos mínimos, a poeira da Transamazônica, da Santarém-Cuiabá, que se estendem quilômetros adentro pela mata, as chuvas de inverno que só fazem aumentar o calor e, sobretudo, a esperança numa outra vida mais digna.

A entrevista que se segue foi feita em Santarém, numa das muitas casas de madeira que se erguem próximas ao rio Tapajós. Da janela onde estávamos, podia-se ver, não muito distante da casa, a junção dos grandes rios: as águas límpidas, verdes do Tapajós fundindo-se à massa barrenta, vermelha e violenta do Amazonas. Podiam-se ver também o porto, as fileiras de barcos coloridos e ancorados, as redes penduradas no convés e o pessoal preparando-se para zarpar, levando os viajantes que chegam e partem até povoados à beira dos igarapés, adentro dos afluentes grandes e escondidos pela selva.

Santarém está localizada no centro-sul do Pará, Estado cuja área territorial é 30 vezes maior do que a Suíça. O Pará é o principal Estado brasileiro em exploração de minério: ouro, ferro, cobre, manganês, cassiterita, calcário, chumbo, diamante, caulim, carvão, cromo, bauxita etc., extraídos principalmente na Serra dos Carajás. Além disso, exploram-se no Pará a pesca, extração de madeira, de borracha, produtos naturais como a pimen-

ta-do-reino, cacau, cravo, frutas etc., e é uma das áreas privilegiadas pelos projetos agropecuários por parte do capital internacional associado. É uma das regiões centrais de conflitos de terra.

Eramos seis para a entrevista: Geraldo Pastana, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, eleito pelas bases, dois delegados sindicais, dois membros da FASE — Federação de Órgãos de Assistência Social e Educação, entidade que apóia o Sindicato.

O Sindicato tem sede física na cidade de Santarém. Mas, na verdade, ele espalha-se pela selva, onde estão as delegacias e os delegados sindicais. Seu raio de ação atinge todo o município de Santarém, uma área de aproximadamente 27 mil quilômetros quadrados, maior que a extensão territorial de El Salvador. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém é um dos núcleos mais avançados e combativos da área rural. A nível nacional, é o Sindicato mais consciente a respeito de meios de comunicação, apropriação e uso de meios populares e alternativos.

Com eles nos sentamos para discutir comunicação.

II — A IMPORTÂNCIA DO RÁDIO

Na semana passada, num final de tarde lá na beira da Transamazônica, todo o pessoal estava ouvindo um programa na Rádio Rural depois de um dia de trabalho no roçado. Eu perguntei que programa era aquele e um trabalhador me explicou por alto que era um programa da Rádio Nacional de Brasília. Vamos começar nossa conversa por aqui: o que é a Rádio Nacional de Brasília para vocês?

A Rádio Nacional de Brasília é a mais ouvida na Amazônia. Tem programas especialmente para o Pará, Acre, Amazonas, toda esta extensão aqui. É a rádio mais ouvida que existe. Os programas são para a Amazônia, onde as colonizações estão sendo feitas de 1972 para cá, para as famílias que vêm entrando em toda essa região onde tem grandes seringais, onde tem as grandes estradas como a Transamazônica, Santarém-Cuiabá, essa estrada onde tem milhares de famílias que já estão aí e milhares que estão chegando. É uma rádio que faz a propaganda direta do governo e que tem a tendência de fazer com que o povo não se organize nas suas comunidades. É uma rádio que ultrapassa todas as outras.

Desde quando ela existe para vocês?

Ela entrou no ar de 73 para cá, que eu me lembre. Talvez um pouquinho mais tarde, pelo seguinte: quando surgiu essa rádio, foi quando foi fundada a Radiobrás. Acho que foi no finalzinho do governo Médici e uma das razões que eles deram foi que na região Amazônica a penetração e a audiência das rádios estrangeiras, Cuba, Albânia, BBC e até a rádio de Moscou era muito grande. Mesmo porque não tem defesa. Você pega numa onda fora do comum e as emissoras nacionais não atingiam essa área. Então, começaram a se preocupar com isso. Eles disseram que as rádios estrangeiras tinham uma capacidade tão grande de cobrir o que estava acontecendo no Vale do Araguaia que se ouvia com uma perfeição muito grande. Daí o governo incentivou a Rádio Nacional. No norte de Mato Grosso, não sei se vocês pegavam lá no sul, em 1975/76, por exemplo, o pessoal ouvia muito a Rádio Brasil Central e a Rádio Marajoara, que tinham a programação como a da Rádio Nacional: música caipira, programa de mensagem que é tradição nessa zona, tinha o Trio Iracema quando estavam no começo. E a Rádio Nacional ao fazer isso, agora com uma organização muito melhor, chega até nos seringais do Acre, consegue enviar notícias do INCRA em

Rondônia para uma colônia em Cuiabá, manda notícias para todo lado e todo mundo ouve.

Mas como é que ela funciona? Ela entra em cadeia em toda a Amazônia?

Eles têm estúdio em Brasília e têm toda a emissão direta para a zona rural por uma série de repetidoras. Então, em certas horas, ela entra em cadeia com as rádios locais e rádios rurais, no geral orientadas pelo INCRA.

Qual é para vocês o objetivo dessa rádio cobrindo toda a Amazônia?

Bom, ela é uma rádio da Radiobrás. Esse objetivo falado de fazer frente às rádios estrangeiras, isso procede. Mas o objetivo maior é fazer com que as comunidades mantenham suas esperanças voltadas para o Estado, que confiem nas decisões do Estado. É fazer com que as comunidades não se organizem, não procurem um futuro conquistado por elas próprias. Agora, ela presta alguns serviços para poder criar uma rede, uma clientela, que são os recados para o garimpo, para os seringais, para as vilas distantes. Ela manda recados para todos os cantos do Amazonas, Pará, Maranhão, Macapá, Acre, Roraima, toda essa área. Então o pessoal começa a ouvir seus nomes na rádio, algumas vezes atendendo um pedido, e começam a sentir que estão sendo úteis de alguma forma.

Como é que se enviam os recados através da rádio?

As pessoas escrevem para a rádio, lá em Brasília. Por exemplo, se alguém está procurando algum parente lá em Boa Vista, escreve para a rádio pedindo se esse parente estiver em qualquer parte daquela área ou em qualquer outro lugar, que mande avisar. Então, o pessoal começa a seguir o que acontece não só através do rádio, mas, na região também. E é aí que a audiência prende.

Gostaria que vocês contassem desse programa que os trabalhadores estavam ouvindo no final da tarde, lá na Transa. Era um programa de Edelson Moura e de Márcia Ferreira.

É, esse programa é das 5 às 6 horas da tarde, em cadeia com todas as outras rádios. É um programa de perguntas e respostas, de música, recados. Responde às perguntas que o pessoal faz, ou a quase todas, pois já mandamos perguntas que nunca foram respondidas. Só o que interessa eles respondem. Mas respondem perguntas sobre seringais, quando vai passar o barco da assistência médica, qual a linha que o barco vai fazer. Respondem e informam sobre vacinação, como tirar documento, quando é que vai vir uma equipe tirar registro de nascimento, quando é que o Banco do Brasil vai fazer financiamento, como se faz sabão caseiro, como se trata de bicheira de bezerro, conta o que se deve dar quando o porco está com diarreia...

Vocês acham que as respostas ajudam, que são dadas por gente que entende?

Eles dizem que consultam em Brasília e então dizem "o Instituto Nacional do Alcool nos deu essa resposta..." Mas o principal que se nota tanto em Edelson Moura como em Márcia Ferreira é que eles sabem falar muito bem, que eles se comunicam muito bem como pessoas de rádio. Além disso, o pessoal pede muito música e eles são cantores. Outra coisa que os dois fazem é que eles saem de região em região fazendo apresentação no circo. No nosso caso, acontecido aqui nessa área da Transamazônica onde a gente mora, os dois chegaram cinco dias antes de um Ato Público, que o pessoal estava preparando. Então, tinha um circo aqui em

Rurópolis. Os dois chegaram e passaram a tarde jogando futebol com o pessoal e à noite se apresentaram no circo. Segundo informações que a gente tem, eles saíram daqui com um milhão de cruzeiros no bolso, dinheiro dado pelos trabalhadores rurais. O INCRA colocou carro à disposição do pessoal e quem quisesse ir, foi. Levou muita gente mesmo. Essa apresentação deles em Rurópolis foi exclusivamente para esvaziar o Ato Público. O pessoal estava fazendo a mobilização, que estava sendo bem-aceita pelos trabalhadores, e o INCRA estava tentando esvaziar há muito tempo, mas não conseguia. Aí promoveu essa vinda deles e aproveitou para fazer entrega de títulos a todo o pessoal nesse dia.

Entrega de título definitivo de propriedade de terra?

Título definitivo, não. Título de ocupação, que é para arrumar terra ao pessoal.

Edelson e Márcia entregaram os títulos?

Não. Mas foi aproveitando a vinda deles aqui, a mobilização. Ali já se aproveitou para fazer propaganda para as eleições de 82, feita por Edelson, Márcia e pelo pessoal do INCRA. E afinal eles conseguiram abarcar muita gente que ia no Ato Público.

E quanto gastava cada trabalhador para entrar, mais a passagem?

Uns 400 cruzeiros cada um para entrar. A passagem geralmente era grátis para chegar. O INCRA dava. Mas eles não fizeram o trabalho bem-feito, pois levaram o pessoal, mas na volta tinha mais de mil pessoas só de Rurópolis sem condução para voltar. E isso deu uma revolta muito grande no pessoal e a gente aproveitou para fazer o nosso trabalho. Mesmo assim, eles conseguiram esvaziar bastante o Ato Público.

Voltando ao programa dos dois na Rádio Nacional. Qual é o nome dele?

É "Pergunte o que quiser". Mas veja: uma vez escrevemos perguntando por que existem tantos conflitos de terra aqui no Estado do Pará e por que o INCRA, que é o responsável pela Reforma Agrária, é quem está tomando a terra dos posseiros. Não foi respondido. Conhecendo a área como a gente conhece e a problemática que ela tem, é possível que cartas como essa sejam recebidas às centenas, e como a atitude da rádio é motivar a população a obedecer às determinações do Estado, ela nunca vai dar esse tipo de resposta. Eu acredito até que muitas das perguntas nem são feitas pelo próprio povo. Acho que muitas das perguntas são deles mesmo lá em Brasília, porque se numa área tão problemática como essa surgem perguntas no gênero desta: por que o INCRA atua em terra de posseiro?

Todo trabalhador tem rádio?

A maioria deles tem, as famílias têm. E o pessoal chega da roça lá pelas 4 ou 4 e meia da tarde e é bem nessa hora, às 5 da tarde, que começa o programa da Rádio Nacional. Nas casas, se vê prestar atenção, a maioria dos rádios de pilha fica em cima de uma prateleira, perto da máquina de costura.

III — A TELEVISÃO

Vamos falar de televisão. Por aqui ainda tem pouco aparelho de TV... É, ainda tem pouco. Mais é em Manaus, Belém.

Só nas capitais? Não chega nas cidades mais desenvolvidas onde tem energia elétrica?

Chega, mas o maior problema aqui não é energia. É a potência da emissora local, porque mesmo com energia, não pega e o pessoal precisa fazer ginástica com a antena.

Quando a televisão chegou em Santarém?

Em maio de 1979.

Vocês sentem que houve mudança entre antes e depois de ter televisão em Santarém? Mudou a vida do pessoal, apesar da deficiência da TV nessa área?

Eu me lembro, por exemplo, que na festa de São João de 1978 no quarteirão em que a gente morava, rara era a casa que não tinha fogueira. Eram mais de 40 fogueiras. Naquele mesmo ano a gente viu danças, as famílias dançavam o folclore, Bumba-meu-boi, a dança do Tico-tico. Era muito movimentado. Mas aí chegou a televisão e no ano seguinte caiu tudo: havia 10 fogueiras na época de São João e se formava uma concentração em frente da casa para ver televisão. De lá para cá, vem diminuindo ainda mais.

Acabaram-se as festas populares, é isso?

Na rua não se vê mais isso. Festa agora é em clube. De primeiro, tinha baile na sexta, sábado e domingo. Depois passaram a fazer só no sábado. A cidade tinha quatro cinemas. Dois fecharam no começo de 80, porque com a chegada da televisão ninguém saía de casa. Mas agora estou começando a notar que nesse ano de 81 mais gente voltou a participar da festa de São João. No primeiro ano, quando dava 8 horas, o pessoal estava todo esperando a novela *Pai Herói*. Se a gente fosse pra rua e começasse a gritar ninguém te socorria. Mas a verdade é que as pessoas começaram a conhecer os artistas e o estrangeiro. Muito artista ficou famoso por aqui e nomes que apareciam na televisão viraram nome de casa comercial como o *Marrom Glacê, Catucha...* O problema é que a televisão aqui ainda só chega com um único canal.

Qual é?

A Globo, Canal 4, TV Tapajós. Desde 79 até hoje, tem um único canal, e eu acho que isso cansou um pouco o povo.

E a moda? O jeito de as pessoas falarem mudou?

A moda nem tanto, porque as roupas que vêm para cá já vêm dos grandes centros do Sul. Não tem aqui em Santarém nenhuma fábrica de confecções. Então a moda chega aqui conforme os grandes centros. Agora o que mudou muito foi o palavreado e alguns comportamentos. Apareceram frases que não se ouvia antes, termos de gíria "oi, gatinha", "oi, gatão", isso nunca tinha por aqui antes. As pessoas eram chamadas pelo nome. Não tinha esse tipo de coisa. Alguns para definirem um cara bruto, um cara forte, agora dizem "incrível Hulk".

E o pessoal da Transamazônica, das vicinais, das várzeas de corte de juta, vocês sentem que esse pessoal também está influenciado pela televisão?

Estão um pouco, sim. É novidade. Tem muita gente que vem pra cidade, na casa de parente e fica grudado na televisão. Muitos ainda nunca viram televisão.

Na Transamazônica, aí que é uma área mais conscientizada, vocês sentem que a televisão está influenciando?

A grande mudança é porque está chegando lá muita gente de fora. Toda hora está chegando gente do Ceará, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e outras bandas. Esse pessoal chega trazendo mudanças da sua terra. Então, a influência acaba sendo maior do que aqui, principalmente com o pessoal que vem do Sul, onde tem televisão por todo lado.

A televisão tem mobilizado os homens em torno dos jogos de futebol?

Tem. Quase em todos os bares, restaurantes, sorveterias tem televisão, que absorve as pessoas a ponto de a própria comerciante virar telespectadora. Aí os homens se reúnem para assistir o futebol.

Qual o horário em que a televisão entra no ar aqui em Santarém?

Durante a semana, a partir das três da tarde e aos domingos às 10 horas da manhã. Mas a televisão ainda é na base do video-tape e chega com uma semana de atraso. O único programa direto é o Jornal Nacional.

IV — PUBLICIDADE NAS RUAS

E essas peruas que andam pela cidade?...

É o Som Guarani e a Naton Publicidade.

O tempo todo eles circulam pela cidade? Como é isso?

Sim, eles têm várias peruas que ficam andando. A Naton tem duas e o Guarani tem quatro. Mas a Naton tem ainda um serviço de alto-falantes no centro da cidade.

Como assim?

É um serviço que faz propaganda o dia inteiro das lojas, toca música. É só pagar e colocar.

Quanto custa a propaganda?

Para alugar uma boca de som dentro da loja custa dois mil cruzeiros. A mensagem na praça está custando 200 cruzeiros. A perua está mil e 500 cruzeiros por hora pra fazer a propaganda na rua. A propaganda que quiser. Mas o que mais tem é propaganda de comércio ou então chega um circo, as cartomantes. Elas anunciam "vem ver o seu futuro". Ou "cirurgião-dentista, chegado da Capital, arrancará dentes durante esta semana em tal lugar. Para as pessoas carentes tem preços especiais". Anuncia também convocação de assembleias de clubes, atos públicos.

Ato público?

É, eles saem pelas ruas tocando o hino do Sindicato e distribuindo panfletos. Anunciaram o 1º de maio. Eles fazem de tudo. Pagou, anuncia.

E o pessoal presta atenção? Dá resultado?

Eles vão devagar, parando e tocando música que é para chamar a atenção.

E o pessoal se reúne para ouvir a propaganda?

A criançada pára quando toca música discoteque, e eu acho que o pessoal sempre faz uma triagem do que interessa e do que não interessa.

Bom, eu queria agora entrar na história do Lamparina, jornal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém. Segundo estou informada, o jornal passou por algumas etapas. Mas, como é que surgiu o Lamparina? Qual é a história dele?

O *Lamparina* surgiu num grupo de trabalhadores do campo e esses trabalhadores do campo passaram a ter uma luta maior na área, e essa luta maior se tornou tão grande que chegou a um Sindicato e houve então uma proposta para o *Lamparina* ser o porta-voz do Sindicato. Essa é a história geral. Mas, de fato, houve na delegacia sindical de Embuna — uma comunidade que é uma delegacia sindical, à beira de um igarapé — um grupo de trabalhadores que começou a discutir a possibilidade de lançar uma campanha eleitoral para tomar o Sindicato. Aí surgiu a idéia do jornal, que acabou sendo lançado por essa delegacia sindical. A primeira edição do *Lamparina* teve 300 exemplares e aquela delegacia tinha 30 associados. Então, os jornais foram distribuídos também para outras delegacias. A partir daí, desse trabalho apoiado com o jornal, as delegacias sindicais foram se juntando e formaram a Corrente Sindical dos Trabalhadores Unidos. Então, começaram a surgir as subdelegacias. As subdelegacias serviam de porta-voz da Corrente e daí tomou força a campanha eleitoral que saiu vitoriosa. Depois, os trabalhadores das delegacias decidiram que o *Lamparina* deveria ser o porta-voz do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, que foi tomado pela Corrente.

Qual é o significado do jornal para vocês?

Mais importante do que o significado do jornal é o significado do que a grande maioria dos trabalhadores queria, que era tomar o Sindicato pela base. Tanto o jornal como a Corrente começaram com um número pequeno, mas foram aumentando na medida em que as pessoas iam participando.

Quanto tempo tem o Lamparina?

O *Lamparina* foi lançado em maio de 79. Na medida em que a Corrente foi tomando mais corpo e passou a ser a Corrente Sindical dos Trabalhadores Unidos, então o Sindicato mesmo confundia as coisas. Mas é que a Corrente todinha já estava dentro do Sindicato.

Quer saber como é feito o jornal. Tem a participação direta dos trabalhadores?

Na verdade, é preciso que se entenda uma coisa. O *Lamparina* não surgiu com pretexto de ensinar os trabalhadores a ler. Ele surgiu como a maioria desses meios de comunicação, como um jornal para os lavradores. Agora, não é um jornal feito para lavradores nos moldes dos que a gente vê por aí. Esse jornal foi feito por pessoas que vivem e trabalham junto com alguns lavradores, que convivem com as suas necessidades, portanto, ele fala a linguagem da realidade, do dia-a-dia. E é um jornal que leva em conta o lavrador com todo o seu universo de aspirações etc. Mesmo assim, é um jornal que contou desde o início com a participação dos trabalhadores rurais, desde a sua origem, a escolha do título etc. Bem antes de o grupo que o criou assumir a direção do Sindicato, esses trabalhadores já tinham liderança reconhecida pela maioria. Mas eles não tinham ainda assumido uma postura clara de quem vai encabeçar uma campanha sindical. Na hora em que o grupo se decidiu partir pra luta, surgiu o entendimento de que o jornal era um instrumento para ajudar muito. Mas a idéia surgiu dos tra-

balhadores. A aceitação do *Lamparina* pela maioria é que deu forças para que se aumentasse depois a tiragem. Mas isso acontece justamente quando o movimento vai se fortalecendo.

E qual era a proposta da Corrente para a campanha eleitoral do Sindicato de Santarém? Como o jornal anunciava?

A proposta da Corrente era para escapar à diretoria antiga, que não correspondia às aspirações, às lutas dos trabalhadores. Eles estavam ali para cumprir ordens dos órgãos oficiais, ordens extraordinárias, das autoridades. Então, buscava-se um sindicato dirigido pelos próprios trabalhadores e o jornal explicava essas idéias. Agora, o jornal não teria sido nada se os trabalhadores não sássem com ele de mão em mão, se as comunidades não entendessem o que estava escrito. Tudo o que ocorria era amplamente comunicado.

Vocês sentem que o Lamparina serviu, de verdade, para mobilizar e organizar?

Agora mesmo, para o Ato Público de 1º de outubro, toda a mobilização foi feita com um número extra do *Lamparina*.

Como é que vocês distribuem o jornal no meio da selva?

O *Lamparina* é distribuído por todo o município e por todas as delegacias.

São quantas delegacias e subdelegacias?

Ao todo são 53. Mas o Sindicato assume a distribuição e coloca nas delegacias de acordo com o número necessário. 30, 40, 50 jornais para cada uma. O jornal é vendido e justa 5 cruzeiros cada. A distribuição é feita através de caminhões, barcos. As linhas de caminhões e barcos que passam pelas comunidades que são delegacias sindicais. Geralmente o delegado sindical também é uma pessoa conhecida por esses donos de barcos ou caminhões. Mas esse envio nem sempre é muito seguro. A maneira mais segura é colocar os pacotes em mãos de companheiros que estão fazendo essa viagem. Tem acontecido de enviarmos o *Lamparina* pelo dono do barco e ele não entregar, porque não está gostando da atuação do delegado sindical...

Pode ser por outro tipo de pressão?

Pode sim. Mas de maneira geral é assim que acontece.

Onde é que se situam as Delegacias Sindicais para a gente entender melhor?...

Situam-se dentro da área do município de Santarém, que é de 27 mil km².

Atinge a Transamazônica?

Bem, o município inteiro pega oito áreas: Transamazônica, Rio Tapajós, Rio Irapurus, Lago Grande, a Várzea, Ituquim e o Planalto que tem duas áreas: Planalto I e II. Cada região dessas tem um grupo de delegados sindicais regionais e uma equipe de delegados locais que visitam sempre as Delegacias Regionais. Então, o contato com as delegacias é feito entre delegados regionais e delegados locais. Cada região tem uma equipe de delegados. No caso do Ato Público, a distribuição do *Lamparina* foi feita por mais de 1.500 pessoas que saíram visitando as delegacias e subdelegacias para levar o jornal e fazer a mobilização. Tinha área que o pessoal nem sabia que o Sindicato estava sendo processado. Então, o pessoal ia, fazia

reunião, discutia com os trabalhadores, com os delegados, para evitar mal-entendido.

Por que o Sindicato estava sendo processado? O jornal dizia como?

O jornal contava o fato. Contava o fato que estava acontecendo. B chamava os trabalhadores para a mobilização do 1º de outubro, Dia Nacional de Luta, onde seria denunciada toda a sacanagem contra o Sindicato. Para que essa questão não fosse mal-entendida pela Delegacia, era preciso discutir com o pessoal para que os trabalhadores soubessem o que viriam fazer aqui em Santarém, no dia 1º de outubro.

Alguns de vocês participaram dessa mobilização diretamente nas Delegacias Sindicais, levando o Lamparina?

Eu participei da mobilização em oito subdelegacias regionais da região do Planalto. Ali as delegacias não eram sabedoras do fato. Sabiam que tinha um processo, sabiam que um possível processo estava sendo feito, mas não estava claro para o pessoal. Daí eu contava que desde que assumimos a direção do Sindicato, o jornal *O Momento*, de Santarém, tinha uma coluna que falava mal da atuação sindical nossa. Sempre denunciava a gente e mais o Geraldo, que é o presidente. Então, a gente contou que estava sendo processada nossa atuação. E que já era hora de responder a essas acusações. E não ia ser responder simplesmente com o *Lamparina*. A gente ia responder com um Ato Público no dia 1º de outubro, esse dia foi escolhido em todo o Brasil como Dia Nacional de Luta. Então a gente colocava isso, os próprios delegados sindicais da área liam o *Lamparina* extra e daí começava o debate.

O delegado lia para a comunidade?

Lia para todo o pessoal presente. Mas é que não deu pra mobilizar toda a delegacia, porque não deu tempo. Nós passamos em um dia por oito subdelegacias: de manhã, de tarde e de noite.

E qual o seu meio de transporte para isso? De barco?

Não, foi por terra, andando. Mas às vezes dá pra ir de carro ou bicicleta. Então, na delegacia que eu estive foi assim. O delegado lia o *Lamparina* e a partir daí tinha uma discussão para que todos os trabalhadores entendessem o que estava escrito no *Lamparina*. Depois, todo mundo entendeu e achou que deveria vir para o Ato. Das delegacias que eu estive, vieram vários caminhões com 100, 150 pessoas.

Já que estamos falando no assunto da leitura, gostaria de saber como é que se dá a leitura normal do jornal entre os trabalhadores.

As Delegacias Sindicais têm um dia de reunião para discutir assunto do delegado, saber o que está acontecendo com o Sindicato, prestação de contas e ler o *Lamparina*, discutir algum assunto que saiu. Em outras delegacias isso é feito nas próprias casas com a família. Aquela pessoa que sabe ler melhor faz a leitura do *Lamparina* e se discute na família. Em alguns lugares se faz a leitura individualmente. Em geral, esse trabalhador quando chega à tardinha, após tomar banho, senta na frente da casa, pega o *Lamparina* e começa a ler.

Qual é a tiragem do Lamparina?

Três mil exemplares. Mas não é tudo para as delegacias. A gente manda pra fora. Ficam alguns para visita. Geralmente é um jornal por família e a criança que sabe ler lê para os adultos. O pessoal tem uma mania de forrar a parede com o *Lamparina*.

Fica como cartaz pregado na parede?

É, eles forram a parede. E quantas pessoas chegam e quantas saibam ler lêem. O pessoal faz uma espécie de mural. Outra coisa também é que o pessoal lê em alguns cultos nas capelas. Em alguns casos o catequista também é delegado sindical, então ele lê o *Lamparina* no horário do culto, na capela.

Depois de tudo o que foi contado, eu quero perguntar a vocês, camponeses aqui presentes, se vocês acham certo que um jornal sindical como o Lamparina não seja feito por trabalhador rural.

Acho que a gente está dentro de um processo em que nós estamos caminhando para que o Sindicato e os camponeses assumam o seu veículo de comunicação. A idéia no início era ter um jornal para ajudar na campanha, apresentar a liderança. Desde o começo, os trabalhadores rurais participaram, se não em toda a elaboração do *Lamparina*, ao menos em parte dela. A gente acredita que tudo isso é um processo que precisa ser integralmente assumido pelos trabalhadores rurais. Agora, a gente não tem prazo. O mais breve possível. Mas também a gente tem que ver as dificuldades dos trabalhadores rurais, não só em termos de elaborar um jornal desses, mas a dificuldade em gastar tempo com coisas que a gente acha secundária.

O que é coisa secundária? O jornal?

— Não. É colocar a letra direitinho, pra sair certinho e bem bacana. É escrever. Uma coisa que a gente vê depois do jornal pronto e que é importante, mas que gasta muito tempo pra sair assim perfeita. Coisas assim.

— Bom, eu também acho que, como o Geraldo estava falando, na medida do possível, o trabalhador rural tem que assumir o jornal. Primeiro, eu vejo isso com seriedade porque, no nosso caso aqui, os companheiros que ajudam na elaboração do *Lamparina* são companheiros que realmente colocam toda sua vida no trabalho. Mas vai que muda? Que venha um pessoal ajudar e ter a idéia do outro lado. Aí é que começa a preocupar a gente, porque eles podem bolar um jornal que é contra a nossa luta. Digo, porque isso já aconteceu em outros lados e pode acontecer aqui. Tem casos por aí afora em que os camponeses são levados a reboque. Isso preocupa a gente.

Última pergunta para os trabalhadores rurais: qual vocês acham que é o melhor meio de comunicação para um sindicato rural como o de vocês?

— O rádio. É o meio mais importante, porque a gente tem observado que a notícia chega ao mesmo tempo em todo lugar. Então, se a gente conseguisse um horário em que os trabalhadores rurais já estão acostumados a ouvir rádio, é claro que não poderá ser melhor, e melhor do que o jornal. Agora, o meio eficiente, mais seguro, é através dos próprios trabalhadores, dos militantes que se empenham em ir até às comunidades. Não só porque a notícia chega até o trabalhador, mas porque ela é discutida. A grande riqueza que tem uma notícia levada pelo próprio trabalhador é que ela é discutida, enriquecida.

— Como o Geraldo estava colocando, eu também vejo que é o rádio. Mas só se fosse uma rádio do trabalhador, o que não é possível ainda. Mas a luta deve ser pra chegar lá. Agora, pra nós, no nosso ponto de vista, por enquanto os próprios trabalhadores devem assumir a caminhada, porque o que se fala, uma série de coisas que se fala diretamente não se poderia falar numa rádio. Essa é a primeira vantagem. A segunda é que nessa conversa direta, os inimigos não ficam sabendo o que a gente anda fazendo. Nós temos uma equipe de educação sindical com 85 companheiros que sentam, discutem, avaliam as mensagens, o trabalho sindical, as regiões, que depois

saem discutindo com o pessoal das delegacias, levando a idéia do novo sindicato, a questão política. O trabalho é muito grande nessa linha. E, por enquanto, por mais que a gente ocupe uma rádio, não vamos poder dispensar o trabalho militante, que agora é mais seguro e mais correto.

VI — DEPOIS DA ENTREVISTA

A entrevista acima foi realizada no dia 4 de outubro de 1981. Estávamos na região com Paulo, companheiro da Equipe de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae, chamados pela diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém. Chegamos aí como membros do CEPIS para a realização de um filme com os trabalhadores e delegados sindicais que, posteriormente, foi utilizado para a campanha eleitoral da nova diretoria do Sindicato. O filme chama-se *Nossa força é nossa união* e foi inteiramente discutido, filmado e produzido conjuntamente com os trabalhadores da região. Novamente ganhou a Corrente Sindical, com 94% dos votos. O presidente eleito, Avelino Ganzer, é atualmente membro da coordenação da Central Única dos Trabalhadores.

Além do jornal e do cinema — a que muitos trabalhadores tiveram acesso pela primeira vez — a organização dos camponeses levou a que se desenvolvessem técnicas nativas de produção e impressão de cartazes, afixados em árvores e cercas no interior da selva. Posteriormente, em janeiro de 83, o Sindicato iniciou um programa semanal na Rádio Rural, de propriedade da Igreja, com espaço cedido pelo bispo de Santarém. O programa chama-se *Informativo Sindical*, com 15 minutos de duração e é transmitido aos domingos, às 8 horas da manhã, logo depois da missa. Está dividido em três partes: a) informativo local e nacional, que trata da situação dos pescadores, apanhadores de juta, dos trabalhadores da região, além de informar acontecimentos importantes nas outras categorias sindicais do país; b) espaço musical no qual se tocam músicas populares e c) espaço educativo, contando a história do sindicalismo no Brasil, falando sobre a questão da terra etc. O programa tem dois locutores e, como o *Lamparina*, é feito com apoio da Equipe da Fase. Atinge praticamente todo o município de Santarém, com seus 27 mil km².

Quanto ao *Lamparina*, já em 83 o pessoal do Sindicato bavia assumido inteiramente a produção do jornal.

Mais recentemente, uma equipe da Fase do Rio de Janeiro foi ao local para realizar pequenas novelas em vídeo para o trabalho do Sindicato com suas bases locais. Ou seja, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, localizado no meio da selva, em resumo, é o primeiro sindicato brasileiro a adotar variadas técnicas de comunicação — jornal, cinema, rádio, vídeo, cartazes, música — no trabalho de conscientização, formação, organização e mobilização. Como mostra a história e como disse na entrevista o antigo presidente, Geraldo Pastana, tudo é parte de um processo que toma a dinâmica do crescimento da conscientização e da organização dos próprios trabalhadores. Os meios e também os conteúdos formam parte desse mesmo processo e, de maneira nenhuma, podem ser analisados fora dele.

Efetivamente, este é um Sindicato com características especiais, geradas pelo antagonismo do próprio sistema. Ele está localizado numa das áreas críticas de conflito e exploração da terra no Brasil, de luta intestina pela exploração das riquezas minerais e produtos agrícolas. Além disso, localiza-se numa das regiões onde estão os chamados pólos de desenvolvimento, ou colônias agrícolas. Para lá, foram levados desde o início dos anos 70, migrantes principalmente do Sul, repetindo o processo de imigração italiano-espa-

nhol-portuguesa do começo do século. Só que agora eram brasileiros, pequenos agricultores do Sul, alfabetizados, com boa saúde, e algum conhecimento. Muitos foram pelo fascínio da posse da terra, dada pelo governo. Entretanto, a própria incapacidade do sistema em poder responder às exigências mínimas de populações entregues à Selva Amazônica, entregues aos antagonismos da produção e exploração da terra sob controle do Estado e do capital associado, é que acelerou as contradições de classe, determinando a construção de um processo histórico criado sob circunstâncias com as quais os trabalhadores tiveram que se defrontar diretamente. E que jamais buscaram construir.

Outro elemento importante a resgatar dessa experiência é a participação direta de entidades de educação popular, atuando a partir das novas exigências que o processo daqueles trabalhadores ia gerando. Nessa experiência, a Fase manteve uma pequena equipe permanentemente junto aos trabalhadores, vivendo aí o cotidiano e a formação de uma nova identidade política e cultural, ao mesmo tempo em que desempenhava a função de relacioná-los com outros grupos e com o plano maior do processo político de transformação social da classe trabalhadora.

Nessa linha, a educação popular não foi um projeto, mas um processo de criação coletiva criado naquela região, a partir dos seus antagonismos e contradições, sem por isso perder a dimensão do processo maior, no qual o Sindicato encontra-se envolvido, sobretudo com a participação na CONCLAT, na coordenação da CUT e no Partido dos Trabalhadores.

PORT-COM

O Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa — POR-COM — é mantido pela INTERCOM como núcleo de informações documentais sobre a pesquisa e a experiência profissional referente aos fenômenos da indústria cultural e da cultura popular. Criado pelo Prof. José Marques de Melo, vem sendo dirigido pela pesquisadora Ada Dencker, e apoiado pelo IBICT-CNPq e Biblioteca da ECA-USP.

Informações: PORT-COM/INTERCOM — Caixa Postal 20793 — São Paulo 01498 — Brasil — Fone: (011) 571-5076.